

LEBRET, INTÉRPRETE DA AMÉRICA DO SUL: SUBDESENVOLVIMENTO E DESENVOLVIMENTO

Resumo

As lacunas e inquietações provenientes da reflexão sobre a dimensão social do urbanismo estimulou a escolha de narrar a trajetória de Lebret a partir da ideia de que este foi um intérprete da América do Sul. O corpo documental manipulado durante a pesquisa evidenciou essa condição. Como ponto de partida analítico, foi adotado, neste artigo, o fato de Lebret ser um religioso católico, integrante da ordem dominicana, num contexto de disseminação do catolicismo social na França do início da II Guerra Mundial. Seguindo procedimentos de paralelismos, ajustes, autoria e analogia, compôs-se uma interpretação da interpretação de Lebret sobre a América do Sul, o subdesenvolvimento e o desenvolvimento. Os entendimentos construídos pelo padre francês sobre um lugar e os sentidos a ele atribuídos estiveram fundados, como é demonstrado, em teorias e paradigmas ligados à sociologia e à economia e também na doutrina social da Igreja. A posição ocupada pela interpretação de Lebret do desenvolvimento na América do Sul pode não ser consensual entre os juízos historiográficos, mas sua contribuição para a formação de intelectuais, em especial os da esquerda cristã, é algo que não pode ser refutado.

Palavras chaves | Lebret, América do Sul, subdesenvolvimento.

INTRODUÇÃO

O padre dominicano Louis-Joseph Lebret, personagem principal da *Économie et Humanisme*¹, percorreu lugares, criou laços intelectuais e religiosos, estabeleceu grupos de estudo, realizou trabalhos de planejamento urbano e regional, proferiu palestras, conferências e cursos, participou de articulações políticas e religiosas nos países da América do Sul. Tais constatações aparecem em estudos historiográficos escritos na França e no Brasil, porém existem lacunas que ainda podem ser perscrutadas, sendo uma delas a compreensão de Lebret como um intérprete da América do Sul. Essa inquietação surgiu quando, durante a pesquisa, foi considerado um corpo documental que evidenciava a existência de obras escritas por Lebret ainda pouco exploradas. Assim, sua condição de intérprete da América do Sul tornou-se ponto de partida da análise; foi levado em conta, igualmente, que ele foi um religioso católico da ordem dominicana que se afirmou como

¹ A associação *Économie et Humanisme* foi fundada por Lebret e outros religiosos e intelectuais laicos para tornar possível a efetivação do projeto pedagógico e científico dos seus integrantes e com vistas a mudanças sociais.

intelectual num contexto de disseminação do catolicismo social na França do início da II Guerra Mundial.

Économie et Humanisme foi fundada como uma associação em 1941, estando sediada no convento dominicano de Marseille, França. Segundo Astier e Laé (1991), os signatários de *Le Manifeste d'Économie et Humanisme* eram egressos dos meios do catolicismo social e atuavam em distintas frentes profissionais, como agricultura, pesca e pequena empresa. Tais aspectos corroboram a significação da dimensão religiosa no funcionamento da associação.

Um momento marcante do transcurso desta investigação foi o Colóquio Internacional Urbanismo e o Movimento Economia e Humanismo na América Latina.² Nele, a partir de olhares que se cruzavam, uma vez que os expositores eram pesquisadores franceses, chilenos e brasileiros, foram tratados temas centrais para a pesquisa, como: dimensões religiosa, técnica e política, subdesenvolvimento, filiações intelectuais, redes sociais e instituições. Entre as temáticas discutidas, a da interlocução da *Économie et Humanisme* com as vertentes do pensamento social atuantes nos anos de 1950 na América do Sul, abordada na palestra do sociólogo Francisco de Oliveira, trouxe a ideia de que a *Économie et Humanisme* teria tido pouco significado na formulação de um juízo teórico e prático sobre o subdesenvolvimentismo. Tal enunciado tornou-se uma inquietação investigativa, pois os documentos consultados não permitiam chegar à mesma inferência do sociólogo supracitado. Cabia, portanto, perscrutar melhor.

Neste artigo, entende-se como intérprete aquele que desvenda sentidos, traz à luz o que está nas sombras, oferece conteúdo e significado a determinado fenômeno. Seguindo os procedimentos de paralelismos, ajustes, autoria e analogia, foi possível compor uma interpretação da interpretação de Le Bret sobre a América do Sul, o subdesenvolvimento e o desenvolvimento. Desse modo, este artigo expressa um jogo de espelhos entre o intérprete e

² O Colóquio Internacional Urbanismo e o Movimento Economia e Humanismo na América Latina ocorreu na cidade do Recife, em setembro de 2011, com a participação de oito instituições parceiras, entre as quais tiveram a atribuição de coordenação: a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a Universidade de São Paulo e o *Centre Développement et Civilisation – Le Bret-Irfed*. Entre os expositores, devem ser citados: i) Franceses: Denis Pelletier (CNRS-EPHE), Danièle Voldman (CNRS/IHC), Yves Berthelot (Le Bret-IRFED), Jean-Yves Mérian (RENNES 2), Pierre Maurice Gervaiseau (*Secretário adjunto de Le Bret/Fundação Araripe*); ii) Brasileiros: Francisco de Oliveira (FFLCH-USP), Lícia Valladares (*Clersé/Université Lille 1*), Maria Teresa Sales de Melo Suarez (CJC), Maria Cristina da Silva Leme (FAU-USP), Nísia Trindade Lima (FIOCRUZ), Virgínia Pontual (MDU-UFPE), Celso Lamparelli (FAU-USP) e Rodrigo Faria (FAU-UNB); iii) Chileno: Jacques Chonchol (ARCIS).

o interpretado, entre aquilo que foi vivido por Lebret e a busca por desvendar, através desta investigação, as ordens escondidas.

UM ENIGMA A SER DECIFRADO: O SUBDESENVOLVIMENTO

Ao chegar à América do Sul, em 1947, Lebret já tinha conhecimento do contexto, dos problemas e dos potenciais econômicos, sociais e políticos e, por que não dizer, dos movimentos católicos desse subcontinente.

A emergência, na França, de correntes intelectuais e instituições voltadas ao catolicismo social data de meados do século XIX, tendo se constituído num terreno de disputas e contradições. Uma das manifestações do catolicismo social era a Associação Católica da Juventude Francesa (ACJF); esta evocava a recristianização da sociedade e a opção por ações direcionadas aos menos favorecidos, cujo desdobramento foi a criação da Ação Católica.

Há certo consenso historiográfico de que a Ação Católica foi uma das principais instituições católicas na América do Sul, na qual jovens intelectuais descobriram a política e o engajamento. A democracia cristã ganhou expressão bem antes dos anos 1930: a União Cívica do Uruguai, por exemplo, foi criada como partido político em 1912, e, no Chile, a democracia cristã apareceu em sua forma primeira em 1938, a partir de uma cisão do partido conservador, tendo como resultado a fundação da Falange Nacional.

Foi no Uruguai que aconteceu, em abril de 1947, a reunião dos intelectuais democratas cristãos desse país, aos quais se juntaram os da Argentina, do Brasil e do Chile. Nessa reunião, redigiu-se a Declaração de Montevideú, que fixou as bases do movimento – posteriormente, intelectuais da Bolívia e do Peru declararam suas adesões. A delegação brasileira participou dessa reunião sob liderança do escritor e líder católico Alceu Amoroso Lima. Esse escritor portava, inclusive, uma carta de Lebret, que, recém-chegado ao Brasil, já o tinha contatado. A carta escrita pelo padre dirigia-se aos participantes da reunião. Nela, ele expunha suas ideias sobre a importância da articulação dos cristãos latino-americanos. Cabe remarcar que Amoroso Lima foi uma das personagens centrais para promover a introdução e assegurar a circulação de Lebret na América do Sul.

Uma segunda reunião dos intelectuais democratas cristãos foi realizada no Clube Católico de Montevideú, entre 25 e 31 de julho de 1949, contando com uma delegação latino-

americana mais expressiva; estiveram presentes representantes da Argentina, do Brasil, da Colômbia, do Chile, Peru, Uruguai, Equador e da Bolívia. O principal resultado dela foi a criação da Organização Democrata Cristã da América (ODCA), dirigida por Manuel Ordoñez, da Argentina, Alceu Amoroso Lima, do Brasil, Eduardo Frei Montalva, do Chile, e Dardo Regules, do Uruguai. Para Compagnon (2000, p. 534), essa organização fincou as bases de uma democracia cristã latino-americana, recebendo referências do filósofo francês de orientação católica Jacques Maritain, bem como da doutrina cristã e da teoria da Economia Humana de Lebret.

A consulta aos exemplares da revista da associação *Économie et Humanisme*, uma das publicações produzidas pelo seu centro de edições, as *Editions Ouvrières*, mostra que o conhecimento prévio de Lebret foi adquirido por meio de artigos sobre a economia dos países da América Latina, especialmente daqueles que se relacionavam à América do Sul.

A difusão da *Revue Économie et Humanisme* e de outras publicações das *Editions Ouvrières* era um assunto constantemente presente nas correspondências de Lebret, dos membros da associação e dos diversos interlocutores sul-americanos.³ Segundo Breuil (2006), a *Revue Économie et Humanisme*, antes mesmo da primeira estada de Lebret em São Paulo, já possuía oito assinantes nessa cidade, alcançando 50 no início dos anos de 1950 e 150 na década de 1960.⁴

No segundo número dessa revista, publicado em 1942, há um artigo de autoria de René Tocanne, intitulado “*La situation économique actuelle de l’Amérique du Sud*”, no qual é feita uma análise do comércio de importação e exportação entre América do Sul, Europa e Estados Unidos, assim como da trajetória da economia de cada um dos países latino-americanos. Por sua vez, o texto de Thomas Baudot, “*La Bataille du Blé au Brésil*”, apresentado em outra edição de 1942, examina a produção cafeeira, mostrando que esta ocupava uma posição dominante – fato que não era verificado em relação à produção de

³ As correspondências consideradas foram: cartas enviadas por Lebret a Jacques Conchol (22/05/1951) e a Raúl Prebisch (20/01/1955), ambos em Santiago do Chile; carta enviada por Pierre Gervaiseau (secretário adjunto de Lebret, em 06/06/1950) ao padre Léon José Moreau em Bogotá, Colômbia. Cf.: Fond Lebret, AN 45 AS 68.

⁴ Segundo Roldan (2012), a *Revue Économie et Humanisme* era de periodicidade bimestral. Lebret, René Moreux e François Perroux foram seus editores entre 1942 e 1944, em Marseille, e em Écully, até o momento em que a França foi liberada da ocupação alemã. Posteriormente, Perroux e Moreux se afastaram da revista, momento em que ela foi transferida para L’Arbresle, situada nos arredores de Lyon, no convento dos dominicanos, local que se tornou a sede da associação.

trigo. A esses dois primeiros, seguem-se quatro artigos que ainda tratam de países desse subcontinente, a saber, Peru, Argentina e Chile.⁵

Os artigos referidos enalteciam, com maior ou menor intensidade, a situação econômica, geográfica e demográfica da América do Sul. Eles continham um viés acentuadamente quantitativo e mostravam uma América do Sul fornecedora de matérias-primas. Os problemas apontados relacionavam-se à dificuldade de exportação de minerais, cereais e alimentos, assim como à implantação da industrialização, principalmente no que se referia à infraestrutura de transportes e energia elétrica. Apesar da perspectiva social da *Revue Économie et Humanisme*, os trabalhos nela publicados não traziam informações sobre as condições de vida dos operários ou da população menos favorecida.

Ao aportar pela primeira vez na América do Sul, Lebret experienciou esse subcontinente, o que lhe permitiu pôr em confronto o vivido e o conhecimento prévio. Os primeiros registros dessa experiência são encontrados em seu Diário,⁶ no qual é possível ficar sabendo o quê e a quem ele foi conhecendo nas viagens, bem como apreciar os seus comentários sobre a situação social, econômica e política das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, no Brasil, de Montevideú, no Uruguai, de Buenos Aires, na Argentina, e de Santiago, no Chile.

Uma das passagens do Diário, talvez uma das mais expressivas, denota um sentimento de estranheza de Lebret ante uma realidade inesperada, para a qual o seu conhecimento prévio e seu conhecimento teórico sobre economia política, em especial suas leituras de Marx, não eram suficientes:

Começo a perceber que aqui ainda nos encontramos na fase do capitalismo comercial, capitalismo industrial [...]. Não há trustes brasileiros, os pseudotrustes são de proprietários individuais ou familiares; os trustes estrangeiros dominam o mercado externo, mas não pelas indústrias [...]. O Brasil não é ainda equipado para o capitalismo. [...] A burguesia com características liberais encontra na sua sombra um abrigo seguro; em verdade, ela não tem com o que se inquietar. Nessas condições, seria tolice aplicar aqui as fórmulas válidas para os países industrializados [...]. Vou ter de modificar para esse país muitas de nossas perspectivas, e eu não vejo ainda claro (Cópia do Diário datilografada, AN 45 AS 180, dia 27/04/1947, p. 13, 14 – Tradução da autora).

⁵ O primeiro artigo é uma resenha do livro de L. Baudin (1942); o segundo e o terceiro foram escritos por J. Derouville (1944 e 1944a). O quarto foi produzido por Ph. Grau Ros (1944 e 1945).

⁶ O Diário ou *Journal* de Lebret é um manuscrito encontrado nos *Archives du Père Lebret (45 AS)*, no acervo do *Centre des Archives Contemporaines, Fontainebleau, França*.

Em outra passagem, suas palavras já expressam uma maior segurança diante do novo e do desconhecido:

Ainda estou atordoado diante desta civilização que se procura a si mesma. Ninguém tem ideia do que se pode fazer de longe; é preciso revisar todas as perspectivas. Felizmente, o encontro com alguns homens me ajudou a decifrar o enigma (Cópia do Diário datilografada, AN 45 AS 180, dia 02 e 03/06/1947, p. 37 – Tradução da autora).

A interpretação que foi sendo construída por Lebret sobre a América do Sul é encontrada difusamente em diversas passagens de seu Diário. São anotações sobre os seguintes temas: fragilidades econômicas, políticas e sociais; carências de alimentação, de infraestrutura e de conhecimento; miséria, fome e exploração das populações pobres na cidade e no campo; ditaduras e ausência de qualquer reação das elites frente a esses fatos.

Esses registros, escritos de forma informal e cotidiana, ganharam uma expressão ordenada e bastante emotiva na “*Lettre aux Américains*”, produzida quando de seu retorno à França.

A elaboração dessa carta não foi um gesto impetuoso de Lebret. Em manuscritos existentes no *Fonds Économie et Humanisme – Archives du Père Lebret*, alguns registros evidenciam que ela foi construída à medida que fatos e experiências aconteciam. Entre os manuscritos, é importante fazer uma referência ao *Essai de jugement sur Le Sud-Amerique* e a um caderno de anotações, por conterem partes do conteúdo também presente na carta, além de esquemas, gráficos e mapas.⁷

Lebret constatou que os conceitos adotados na Europa não podiam ser entendidos da mesma forma na América do Sul, pois eles adquiriam ali distorções: “Nossas palavras ‘república’, ‘capitalismo’, ‘propriedade’, ‘proletariado’, ‘campesinato’, para citar algumas entre tantas outras, se aplicam a vós [americanos] apenas por analogia” (1947, p.5). Esse descompasso entre o vivido e o conhecido lhe provocou um choque intelectual e humanitário.

Em que consistiu essa carta? Uma exposição contundente de seus sentimentos, uma catarse filosófica e religiosa, uma visão anti-imperialista, antifascista e anticomunista? Lebret (1947, p. 6) afirma que ela era “um ensaio de interpretação”.

⁷ Esse manuscrito é parte da documentação constante do Fond Lebret AN 45 AS 86 e 175.

Na “*Lettre aux Américains*”, há descrições, quadros factuais e dados estatísticos, tais como: concentração industrial, inexistência de ferrovias e estradas; crescimento das cidades sem limites territoriais e construtivos, com bairros residenciais ricos, bonitos e confortáveis, bem como habitações miseráveis e precárias tanto nos bairros antigos quanto nos populares. Lebret denominou essas constatações de “fenômeno mórbido” (Lebret, 1947, p. 13). O subdesenvolvimento apresentava, segundo ele, as seguintes características: populações mal alimentadas, mal protegidas, sem moradia, sem saúde e sem instrução; estruturas institucionais e legislações arcaicas; governos e elites que preservam seus privilégios; insuficiência de bens essenciais; desequilíbrio econômico; desigualdades gritantes entre cidades e bairros.

Verifica-se, ainda, na carta, uma referência ao livro do geógrafo Josué de Castro, a *Geografia da Fome*⁸, e ao discurso do senador brasileiro José Américo de Almeida. Ambos serviram de apoio ao argumento de Lebret de que a situação dos menos favorecidos na América do Sul era um escândalo político e social.

Lebret tomou conhecimento dessa obra de Castro quando passou pelo Brasil em 1947; isso redundou na aprovação de publicação de textos desse geógrafo na *Revue Économie et Humanisme*. Em 1948, por exemplo, foi publicado o artigo “*Terre des hommes – terre de la faim*”; por conseguinte, o livro *Geografia da Fome*, traduzido para o francês, teve sua primeira edição publicada em 1949, e a segunda, em 1952.

Vale assinalar, no entanto, que a citação desse autor e de sua obra por Lebret na “*Lettre aux Américains*” representa uma convergência de ideias e ações que se consolidaram à medida que foram sendo efetivados contatos e trabalhos conjuntos.

Castro, quando vice-presidente da Comissão Nacional do Bem-Estar Social⁹, convidou Lebret para participar da pesquisa sobre níveis de vida em 24 cidades brasileiras, publicada em 1954. E mais, estando no exercício da Presidência do Conselho da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), ele contratou o padre dominicano para a elaboração de pareceres e trabalhos.

⁸ *Geografia da fome*, de Josué de Castro, foi publicado no Brasil em 1946 e na França em 1948, pelas edições *Économie et Humanisme*. A essas obras, seguem-se outras, ora publicadas na revista, ora isoladamente.

⁹ No segundo governo de Getúlio Vargas, a Comissão Nacional do Bem-Estar Social foi criada em outubro de 1952, estando ligada ao Ministério do Trabalho. Ela teve como presidente o ministro do Trabalho; já a vice-presidência coube a Josué de Castro.

Castro e Lebret estabeleceram uma ímpar relação de trocas intelectuais; ambos contribuíram para a formação de seus pensamentos, e essa convergência aconteceu porque eles tinham como objetivo comum o modo de exercer suas labutas: a vinculação dos conhecimentos científicos à ação militante ou profissional.

Lebret, na “*Lettre aux Américains*”, entendia a América do Sul como um subcontinente de contrastes – miséria e abundância, opulência e penúria –, de subdesenvolvimento, e também como uma área que sofria um deslocamento cultural, um processo de hibridismo de ideias e práticas, efeito da adoção de teorias econômicas, políticas, sociais e urbanísticas norte-americanas distintas das tradições européias a que ele estava familiarizado.

O contexto político mundial era o da Guerra Fria, do combate ao comunismo, do papel dominante dos Estados Unidos no jogo geopolítico mundial, do peronismo argentino, do recém-desfecho da ditadura Vargas e da volta do Partido Comunista Brasileiro (PCB) à legalidade no Brasil, embora por um curto período.

Em maio de 1947, Lebret participou de uma discussão com os dirigentes da UDN, especialmente com José Américo de Almeida, Eduardo Gomes e Juarez Távora, sobre a interdição do PCB. Ao condenar tal interdição, ele foi acusado de ser “simpatizante do comunismo”, o que lhe rendeu dissabores com a ala conservadora da Igreja católica no Brasil, largamente dominada pela corrente integralista. Tais notícias chegaram a Roma, e Lebret ficou impedido de voltar ao Brasil. Só após gestões empreendidas por vários clérigos, inclusive por Dom Helder Câmara e por intelectuais e políticos como Josué de Castro e Lucas Nogueira Garcez, então governador de São Paulo, Roma permitiu que ele retornasse à América do Sul, em 1952.

Considerando esse contexto, é permitido indagar: o entendimento sobre a América do Sul construído por Lebret, desde sua primeira estada e elaboração da “*Lettre aux Américains*”, permaneceu sem alterações, mesmo que ele tenha realizado outras viagens até 1965?¹⁰

¹⁰ Segundo o Diário de Lebret (AN 45, bobinas de microfilmes 1, 2, 3 e 4), ele realizou viagens aos países da América do Sul nos seguintes anos: 1947 (Brasil, Uruguai, Argentina e Chile); 1952 (Brasil); 1953 (Brasil, Colômbia e Peru); 1954 (América Latina); 1955 (“viagem em torno do mundo”); 1956 (Brasil, Venezuela e Colômbia); 1957 (Brasil); 1958 (Brasil); 1960 (*Grand voyage*); 1961 (*Journal parisien*); 1964 (Venezuela); 1965 (Brasil e Uruguai).

A resposta a essa questão passa pelo conhecimento da crise vivenciada por *Économie et Humanisme*, ou melhor, entre essa associação e o padre dominicano Henri Desroches, durante os anos 1949 e 1951. A pesquisa sobre o marxismo a que se tinha dedicado no momento de fundação da *Économie et Humanisme* não se manteve igual após a liberação da França da ocupação alemã. Por sua vez, porém, o sociólogo e padre dominicano Henri Desroches permaneceu estabelecendo convergências entre o cristianismo e o marxismo. Seus artigos apareceram em diversas revistas, como *Revue Économie et Humanisme*, *Idées et forces*, *Esprit* e *Cahiers de Jeunesse de l'Eglise*. A partir deles, Desroches publicou o livro *Signification du marxisme*, em 1949, no qual explicitou a possibilidade de colaboração entre católicos e comunistas.

Inicialmente, esse livro teve uma recepção favorável; entretanto, diante da reação do Santo Ofício em Roma e dos embates no interior dos movimentos cristãos franceses, a obra passou a ser criticada, inclusive no âmbito da ordem dominicana, o que conduziu Lebreton a convocar a Jornada de Estudos de Pentecostes, em maio de 1950, momento em que pôs essa reação em discussão. Desroches não obteve apoio dos participantes da jornada, e, frente a seu isolamento, anunciou sua saída da *Économie et Humanisme* e da ordem dominicana. Para Pelletier (1996), essa crise levou a associação e, em especial, a direção central a abandonarem paulatinamente a utopia comunitária e a se voltarem para outro terreno de experimentação: o terceiro-mundismo católico e a formação de especialistas. O caminho adotado foi a elaboração de estudos e trabalhos de planejamento urbano e regional, principalmente na América do Sul, e a fundação do *Institut International de Recherche et de Formation, Education Culture Développement* (IRFED), em 1958.

A *Revue Économie et Humanisme* manteve a mesma linha editorial até 1948. Ao longo desse período, priorizou a publicação de textos sobre os princípios perseguidos pela associação, sobre conceitos e métodos da economia humana e das pesquisas sociais, além de artigos sobre conjunturas econômicas de países diversos, como os anteriormente referidos. Porém, em 1948, a revista foi compartimentada, uma parte passou a ser intitulada de *Idées et Force* e outra, de *Diagnostic Economique et Social*.¹¹

¹¹ Segundo Roldan (2012), as duas partes podem ser assim entendidas: a primeira, um caderno trimestral, sob a direção de Desroches e Guilbaud, a segunda com artigos de conjunturas econômicas, sob a direção de Lebreton e Delprat. Essa partição de duas publicações numa mesma encadernação provavelmente acomodava

Os trabalhos publicados na revista passaram a apresentar certa convergência quanto às questões postas por Lebret na “*Lettre aux Américains*”, não só pelo tom crítico, mas também pela reação à influência estadunidense, algo que conferiu maior amplitude argumentativa à dimensão política que à econômica.¹² Pode-se dizer que os artigos foram publicados em um momento difícil, dado que a associação ainda se acomodava à saída de Desroches e Lebret encontrava-se impedido de retornar à América do Sul.

Lebret, em parceria com Raymond Delprat, voltou a falar da América Latina em uma edição de 1952, dedicada aos temas da produtividade, dos níveis de vida e da civilização.¹³ Dados relativos aos níveis de consumo e de produção constantes nesse artigo são representados em diagramas circulares¹⁴, evidenciando que os melhores níveis eram aqueles da América do Norte, seguidos pelos da Oceania e da Europa Ocidental. Os piores níveis eram os da África, China e do Oriente Próximo; à América Latina coube o sétimo lugar. Os últimos países, citados em conjunto, constituíam as regiões subdesenvolvidas do mundo.

Na edição de número 80, publicada em 1953, há um pequeno texto assinado por A.C., presumivelmente de André Chomel, então secretário de redação da revista, intitulado “*Les crises endémiques de l’Amérique latine*”. O artigo retoma o tom político de contraposição às ditaduras então presentes na América Latina, chegando a chamar os militares que implantaram tais regimes de “generais de opereta”.

Do exposto, pode-se dizer que o entendimento da revista sobre a América Latina não difere substantivamente daquele da “*Lettre aux Américains*”, na medida em que o subdesenvolvimento é apresentado como algo que está presente no nível de consumo, nos equipamentos de base, nos rendimentos industriais, no desenvolvimento cultural das elites, na ignorância dos povos pobres e na escassez de quadros técnicos.

as diferenças pulsantes no interior da *Économie et Humanisme*. A partir do número publicado no segundo trimestre de 1950, a revista passa a ser apenas *Le Diagnostic Economique et Social*, com mesma direção e periodicidade mensal.

¹² Na edição n. 13 de 1950, consta o artigo de J.B. dos Santos (1950), no qual estão expostas as disputas entre os governos do Brasil e da Argentina e os trustes internacionais. E no de Perrodon (1950), tem-se um discurso politizado de crítica à ditadura venezuelana, de denúncia à situação de servidão dos operários que trabalhavam na extração petrolífera e de domínio das empresas americanas.

¹³ No artigo, eles discorrem sobre os níveis de consumo e de produção em dez zonas do mundo, quais sejam: América do Norte, Oceania, Europa Ocidental, União Soviética, Japão, Europa Oriental, América Latina, Próximo Oriente, China e África.

¹⁴ Os diagramas representam os fundamentos teóricos e analíticos do método elaborado por *Économie et Humanisme*, sintetizados no texto escrito por Lebret e Desroches de 1944.

O DESENVOLVIMENTO: UM CONCEITO DINÂMICO A SER CONSTRUÍDO

Com o término da II Guerra Mundial e a desocupação da França pelos alemães, o problema das destruições das cidades, das infraestruturas e das habitações tornou-se imenso e complexo. A necessidade de reconstrução das cidades e de um país se somou ao crescimento demográfico, tornando a tarefa de grande envergadura para o governo, para os intelectuais e também para os movimentos cristãos, entre os quais o *Économie et Humanisme*.

Em 1945, a direção da *Économie et Humanisme* entrou em contato com o Ministério de Reconstrução e Urbanismo, propondo-se a elaborar estudos sobre habitação.¹⁵ Esses estudos foram contratados pelo então ministro Eugène Claudius-Petit, que, vindo da resistência, encampou a ideia de *aménagement du territoire*, em um debate entre intelectuais franceses (Fond Lebret, AN 45 AS 87). Outra contribuição do ministro foi a comunicação proferida ao Conselho de Ministros da França, em 1950, intitulada “*Pour un plan national d’aménagement du territoire*”. Essa ideia, segundo Pouvreau (2004, p. 147), fundamentou-se na perspectiva de tornar a política de ordenamento do território uma questão nacional, para a qual o conjunto do governo deveria se voltar, sem fazer distinção entre Paris e a província.

O momento exigia reflexões tanto teóricas como de ação. Nesse sentido, Lebret procedeu à inter-relação do método de análise aplicável às unidades territoriais com o seu entendimento de subdesenvolvimento e com os estudos realizados na França e em outros países, em especial aqueles da América do Sul. As primeiras reflexões estão no artigo “*L’Aménagement du territoire*”, publicado em *Le Diagnostique économique et social*, em 1951. A esse, seguiram-se outros dois, escritos por Paul Viau (1951) e M. Laloire (1951). Entretanto, para fazer frente às urgências do momento, a associação *Économie et Humanisme* organizou uma semana de estudos sobre o tema do ordenamento do território, em La Tourette, em 1952, cuja preparação coube a Georges Célestin. Dessa semana, participaram, além de Claudius-Petit, dezenas de especialistas de diversas formações

¹⁵ O Ministério de Reconstrução e Urbanismo (MUR) foi criado em 1944, pelo Governo provisório da República Francesa (GPRF) do General de Gaulle. Entre os estudos realizados, cabem ser citados aqueles elaborados em Marseille, Nantes, Lyon e Saint-Étienne.

empenhados em precisar o conteúdo conceitual da noção de ordenamento, cujo resultado foi a *Charte d'aménagement*¹⁶.

No artigo “*L'aménagement, problème économique, problème humain*”, de 1953, Lebret, pôs essa noção em um quadro teórico mais amplo. O desafio maior era teorizar sobre desenvolvimento, tendo em mente não apenas contemplar as necessidades do pós-guerra presentes, em particular, na Europa e na França, como também fazer uma contraposição ao subdesenvolvimento presente nos países do terceiro mundo, em especial na América do Sul. O *aménagement*, ou planejamento territorial, urbano e regional, passou a ser considerado um elemento central para a implantação do desenvolvimento. A palavra *développement* foi posta em diversas frases desse artigo entre aspas, de modo a mostrar que era um conceito em construção e, ademais, outro momento do pensamento lebreteano (Lebret, 1953, p. 4).

Lebret classificava os países em três condições: desenvolvidos, em desenvolvimento e subdesenvolvidos. O acento nas condições dos países subdesenvolvidos passou a ser minimizado nos argumentos, pois o tripé conceitual em construção era o de desenvolvimento-planejamento-civilização, orientado pelo princípio do bem comum. Advogava Lebret que a complexidade conceitual exigida por esse tripé estava fundamentada no preceito de que o homem, em sua completude, consistia na síntese do pensamento com a ação. Esse preceito não era de todo novo, uma vez que estava referenciado na doutrina social da Igreja, nos princípios tomistas da ordem dominicana e em Maritain.

Ao elaborar um entendimento sobre o desenvolvimento, os grandes conjuntos continentais passaram a ser o foco empírico de Lebret. Nesse sentido, o artigo “*Amérique du Sud, Extrême-Orient, Moyen-Orient*”, escrito a partir das anotações de seu Diário, quando de sua viagem “em torno do mundo” em 1955, relata a descoberta da diversidade e da riqueza das culturas asiáticas, o que lhe permitiu chegar à seguinte conclusão: “é lá que acontecerá, no

¹⁶ Nessa carta, há uma definição de *aménagement du territoire*: “A Ordenação do Território é, ao mesmo tempo, uma disciplina científica e prática, na qual o homem está em primeiro lugar, como sujeito de necessidade, como agente da valorização” (*Revue Économie et Humanisme*, 1953, p. 79 – Tradução da autora).

futuro, a guerra ou a paz” (Lebret, 1955, p. 5), antecipando, em certa medida, o quadro geopolítico da atualidade.

Como esse artigo foi elaborado a partir de extratos de seu Diário, o estilo adotado foi o de frases curtas. O foco empírico está sucintamente descrito para cada continente, país a país, e os comentários nem sempre estão apoiados em argumentos teóricos, mas em suas concepções religiosas e ideológicas. Assim, pode-se dizer que são expressões, percepções e sentimentos de um intérprete-viajante culto e bem-informado. São leituras e olhares advindos do vivido.

Lebret mostrou que havia similaridades nos problemas entre os continentes, quais sejam: recursos que aumentavam em menor rapidez que a população; povos que desejavam a independência de seu país; capitalismo que continuava a ignorar o homem; comunismo que se tornava cada vez mais a esperança dos pobres. Desse modo, ele retomou temas que vinham sendo tratados desde 1947, seja no próprio Diário, seja na “*Lettre aux Américains*”, e que podem ser sintetizados nos debates sobre subdesenvolvimento e nas críticas aos sistemas econômicos capitalista e comunista.

Os enunciados que Lebret formulou sobre os países da América do Sul, em “*Amérique du Sud, Extrême-Orient, Moyen-Orient*”, denotam um olhar particularizado para cada lugar: Brasil – “diversidade e imensos recursos naturais”; Uruguai – “país a explorar”; Argentina – “uma das terras mais privilegiada do globo”; Bolívia – “um país a cavalo sobre os Andes, sem acesso pelo mar”; Peru – “a tradição Inca e seus problemas modernos”; Colômbia – “um país de paradoxos”; Chile – “um país e suas forças progressivas” (Lebret, 1955, p. 5-9). Esses enunciados, compreendidos como possibilidades para empreender o desenvolvimento, foram formulados com o intuito de estabelecer um diálogo com as concepções e práticas propaladas pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL).

Cabe notar que a teoria do desenvolvimento elaborada pela CEPAL constituiu para Lebret uma referência a ser considerada, embora ele tenha mantido a sua própria concepção, sem estabelecer com aquela, isto é, a teoria cepalina, polêmicas ou disputas. Raúl Prebisch, em “O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns problemas principais”, escrito em 1949, quando era presidente da CEPAL, apresentou sua compreensão da América

Latina “como parte da periferia do sistema econômico mundial, [com] o papel específico de produzir alimentos e matérias-primas para os grandes centros industriais” (Prebisch, 2000, p. 71). Ele demonstrou que existia um desequilíbrio patente entre as condições de produção e as de consumo, entre preços e salários, entre esse continente e aqueles industrializados ou desenvolvidos. Entretanto, esse desequilíbrio não se alicerçava na divisão internacional do trabalho, mas em questões estruturais particulares, intrínsecas ao movimento cíclico da economia e à forma como ele se manifestava no centro e na periferia: “[...] em outras palavras, enquanto os centros preservaram integralmente o fruto do progresso técnico de sua indústria, os países periféricos transferiram para eles uma parte do fruto do seu próprio progresso técnico” (Prebisch, 2000, p. 75, 83).

A abordagem econômica de Le Bret era distinta da de Prebisch, principalmente quanto ao método. Segundo Bielschowsky (2000), o pensamento cepalino encampava o método histórico-estruturalista, dado que Prebisch e outros integrantes da CEPAL estabeleceram um “corpo analítico específico, aplicável a condições históricas próprias da periferia latino-americana [...] baseado na ideia da relação centro-periferia [...] [com] enfoque orientado pela busca de relações diacrônicas, históricas e comparativas” (Bielschowsky, 2000, p. 15-17). Vale evocar, ainda, Bosi (2010, p. 259), por este enriquecer a compreensão da distinção das abordagens econômicas de Le Bret e Prebisch: o primeiro, para esse autor, “partia de um sentido ético-religioso para conhecer”, já o segundo “conferia um sentido político ao processo”.

Pelletier (1996) sintetizou as matrizes religiosa e sociológica de Le Bret como um pensamento aristotélico-tomista, fundamentado no ideal cristão do engajamento e no primado dos valores espirituais sobre os da vida material, além de estar conformado ao esquema metodológico postulado-investigação-ação. A esse pensamento, estava associado um método de análise da economia e da sociedade inspirado em Le Play, Chombart de Lauwe, Karl Marx e em contribuições da Escola de Chicago, como mostrou Valladares (2006). No pensamento lebreteano, não consta a ideia de relação centro-periferia, nem de fases distintas de uma formação econômica, mas a de economia humana, de manutenção das estruturas de poder e privilégios que negavam os ideais do bem comum.

Lebret, por um lado, entendia a América Latina como um território em que eram identificadas situações econômicas, sociais e políticas similares – pequena produtividade, processos produtivos tradicionais, disparidades de rendas e de níveis vida, esquemas de privilégios sólidos; por outro, ele enaltecia a formação cultural distinta de cada país, compreendendo-a como uma potencialidade, um valor.

A economia humana, para Lebret, era uma economia das necessidades, sendo repartida em três classes: primárias, de necessidade e dignidade; secundárias ou de conforto; terciárias ou de superação. Todavia, como afirma Pelletier (1996), essa tripartição estava bem longe dos três setores clássicos que descrevem uma economia: “[ela] é menos descritiva que metafísica: ela indica uma hierarquia de valores” (p. 102). Na Figura 1, encontram-se as categorias adotadas por Lebret para avaliar os níveis de consumo e de produção em dez áreas do mundo, tais como os de estabilidade familiar para avaliar o nível terciário, os de lugares de cinema, para compor o secundário, e o de esperança de vida, para medir o primário.

Figura 1
Diagrama de Níveis, relativos às dez zonas do mundo

A abordagem e os elementos analíticos de Lebret eram diversos daqueles adotados pela teoria das condições periféricas de desenvolvimento, formulada por Prebisch e baseada em referências a preços, salários, renda nacional *per capita*, exportação e importação, bens de consumo duráveis, bens de capital e balança de pagamentos. Entretanto, um ponto de convergência entre elas pode ser explicitado: ambas viam a desigualdade estrutural entre a América Latina, a Europa e América do Norte como um fenômeno específico.

Cabe ainda destacar que Lebret, desde a “*Lettre aux Américains*” e em outros artigos publicados na *Revue Économie et Humanisme*, demonstrava uma posição crítica ao modo como os Estados Unidos penetravam na América do Sul, exploravam seus recursos – sem conceder contrapartidas economicamente equivalentes –, atuavam como trustes aliados às elites conservadoras e, principalmente, como se opunham às ditaduras presentes nos países sul-americanos. Essa posição abertamente crítica aos Estados Unidos, às elites latino-americanas e às ditaduras está ausente em Prebisch, conforme se observa nos textos consultados.

O DESENVOLVIMENTO HARMÔNICO: UM PROCESSO E UMA PRÁTICA

O final dos anos 1950 foi marcado por acontecimentos que promoveram acomodações no pensamento e na ação de Lebret. Na França, ele foi nomeado diretor de pesquisa do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS) e participou, ao lado de outros especialistas, de uma conferência na Organização da Nações Unidas (ONU) sobre níveis de vida, visando à elaboração de critérios para medir o desenvolvimento econômico. Esses fatos vão ao encontro de uma inferência de Pelletier (1996), qual seja, a de que Lebret tornou-se um economista reconhecido no âmbito das instituições de pesquisa francesas e dos organismos internacionais.

A criação de uma articulação dos países da América do Sul foi um dos objetivos buscado por Lebret desde sua primeira estada nesse subcontinente em 1947. Para tanto, foram formados os grupos locais *Économie et Humanisme* e a Organização Democrata Cristã da América (ODCA). Esses grupos foram integrados por especialistas que elaboraram os estudos de planejamento urbano e regional, acrescentando experiência técnica e metodológica ao método da *Économie et Humanisme*.

A organização de eventos foi outra estratégia escolhida para promover o estabelecimento de contatos entre franceses, brasileiros, uruguaios, argentinos, peruanos, chilenos, colombianos e venezuelanos, tendo sido realizados: o I Congresso Internacional de Economia Humana, na cidade de São Paulo, em 1954; a Sessão Interamericana de Economia Humana, em Montevideú, no ano de 1957, cujo resultado foi a criação do *Centro Latinoamericano de Economía Humana* (CLAEH) e dos *Cuadernos Latinoamericanos de Economía Humana*, em 1958. Foram publicados 16 números dos *Cuadernos*, entre 1958 e 1967, com temas econômicos, sociais, populacionais, urbanísticos, sociológicos e religiosos, entre os quais se destacam: o desenvolvimento na América Latina, a formação de um mercado comum e os problemas de moradia urbana.

Lebret publicou, entre 1955 e 1958, três artigos que mostraram como suas ideias sobre o desenvolvimento e sobre a América Latina estavam permeadas desses acontecimentos. Na *Revue Économie et Humanisme*, n. 89, de 1955, foi publicado “*Economie humaine, politique, civilization*”, no qual ele apresentou uma caracterização do subdesenvolvimento,

mas a fez de modo ampliada para o cenário geopolítico mundial – daí possuir um acento político e uma classificação condizente com as diferentes situações continentais. Esse mesmo artigo foi republicado no primeiro número dos *Cuadernos Latinoamericanos de Economía Humana*, com o título “*Economía Humana, Política, Civilización*” (1958a); enquanto isso na *Revue Économie et Humanisme* foi publicado, no mesmo ano, “*Développement Harmonisé et Économie Humaine*”, texto que contemplava as dimensões econômica, sociológica e política, com vistas a indicar caminhos que possibilitassem o desenvolvimento da capacitação técnica de especialistas e estimulassem a vontade de os governantes alcançarem uma situação sem fome e miséria.

A adoção, por parte de Lebret, das concepções propagadas por Castro fica mais evidente no artigo “*Economía Humana, Política, Civilización*” do que na *Lettre aux Américains*, dado que parte de seu conteúdo conceitual e de suas categorias analíticas converge para as pesquisas de Castro, a saber, *Condições de Vida das Classes Operárias do Recife* (1933), *Comissão de Inquérito para Estudo da Alimentação do Povo Brasileiro* (1936) e, especialmente, *Níveis de vida em 24 cidades brasileiras* (1954). Nesta última pesquisa, Lebret participou como consultor tanto na construção metodológica e quanto na produção do capítulo interpretativo anexado ao relatório.¹⁷

Em “*Economía Humana, Política, Civilización*”, Lebret definiu a economia humana como:

[...] disciplina de pensamento e de ação, ciência e arte, da passagem para uma população determinada, mais ou menos homogênea, de uma fase menos humana a outra mais humana, no ritmo mais rápido e com menor custo, tendo em conta o desenvolvimento solidário de todas as populações (Lebret, 1958a, p. 26 – Tradução da autora).

Esse entendimento adquiriu um viés menos utópico e mais contundente em “*Développement Harmonisé et Économie Humaine*”, ao tornar-se parte integrante da teoria do desenvolvimento harmônico. Essa teoria orientava-se não apenas pelo humanismo ou por fins não exclusivamente econômicos, mas também, e sobretudo, por um processo técnico e político – o planejamento em escala internacional –, fundamentado numa

¹⁷ A pesquisa *Níveis de Vida em 24 cidades brasileiras* foi uma das ações da Comissão do Bem-Estar Social, criada, como dito em outra nota, no segundo governo de Getúlio Vargas (1950-1954). A publicação tomou o nome de *A Pesquisa Brasileira de Padrões de Vida* (1954).

perspectiva que buscava tornar congruentes diferenças entre leigos e religiosos, teoria e aplicação, economia e sociologia, dirigentes econômicos e dirigentes políticos.

O terceiro artigo de autoria de Lebret no ano de 1958 foi “*Niveles de vida de los obreros brasileiros*”, publicado no segundo volume dos *Cuadernos Latinoamericanos de Economía Humana*, dando a conhecer ao público latino-americano o capítulo interpretativo da pesquisa níveis de vida em 24 cidades brasileiras (Lebret, 1958b, p. 209).

Dois outros artigos de Lebret foram ainda publicados nos *Cuadernos Latinoamericanos de Economía Humana*: “*Conjunto de estudios que supone el desarrollo controlado*” (1960) e “*Investigación sobre los aspectos humanos del desarrollo*” (1964). No primeiro, Lebret fez uma síntese dos procedimentos metodológicos experimentados nos planos elaborados pela Sociedade para a Análise Gráfica e Mecanográfica Aplicada aos Complexos Sociais (SAGMACS), em especial os estudos contratados pela Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai (CIBTU)¹⁸, assim como das suas obras *Manuel de l’enquêteur* (1952) e *Guide pratique de l’enquête social: L’Enquete Urbaine* (1955). Alguns desses procedimentos foram publicados em língua espanhola, como base para a elaboração de planos nacionais e regionais. No segundo, Lebret afirmou que para o alcance do desenvolvimento era necessário introduzir as questões postas pelos valores e pelas civilizações – tema que ele retomou de outros artigos, sem modificar o conteúdo.

Em 1964, Lebret voltou a escrever sobre a América do Sul ao ser convidado para participar do Simpósio *Desarrollo y Promoción del Hombre*, promovido pelo *Instituto para el desarrollo económico y social* (IDES), unidade do Governo da Venezuela, na cidade de Caracas. Nesse evento, Lebret proferiu duas palestras, a de abertura e a de conclusão, intituladas, respectivamente, “*El desarrollo en función de los valores humanos*” e “*Síntesis del Simposio*” (Fond Lebret, AN 45 AS 143).

Entre os seus manuscritos, consta um cujo título é *La place de l’Amérique latine* (Fond Lebret, AN 45 AS 143). É um texto singular tanto pela simplicidade quanto pela contundência do tratamento dado a esse território. A confrontação entre o manuscrito e os

¹⁸ Segundo Chiquito (2011), a Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai (CIBPU) foi um organismo criado em 1951 por meio de um convênio de cooperação celebrado entre sete estados brasileiros, tendo atuado no planejamento e projeto de obras de desenvolvimento da região.

artigos apresentados no simpósio, posteriormente publicados, permite verificar que se trata dos mesmos textos.

Nesse manuscrito, escrito em 1964, dois anos antes de sua morte, Lebret recolocou, em grande medida, as questões centrais que haviam sido postas na “*Lettre aux Américains*”: classificou a América Latina como subdesenvolvida, tal como a maior parte dos países do Sudoeste da Ásia, do Oriente Médio, da África e do Extremo Oriente. Esses territórios compreendiam o que se nomeava, então, como Terceiro Mundo, um “complexo impreciso”, conceitual e empiricamente. Embora algumas das nações que lhe constituíam já apresentassem um processo de industrialização, a disparidade social era uma de suas marcas mais permanentes e gritantes. O sentido de suas palavras no conjunto textual mostra que Lebret sabia o quão difícil era promover o desenvolvimento e o quão fácil era manter o subdesenvolvimento.

Lebret construiu um entendimento sobre a América Latina, uma leitura sobre o subdesenvolvimento e uma abordagem sobre o desenvolvimento, cujos postulados estavam fundados em teorias e paradigmas ligados à sociologia e à economia, bem como na doutrina social da Igreja. Ser reconhecido como um pensador foi uma de suas aspirações. Afirmar que sua ideia de desenvolvimento constituiu-se numa das vertentes econômicas presentes na América do Sul pode não ser consensual entre os juízos historiográficos; por sua vez, a verificação de que ele contribuiu para a formação de muitos intelectuais, em especial dos católicos, ou melhor, da esquerda cristã, é algo que não pode ser refutado.

REFERÊNCIAS

AC [André Chomel] (1953). Les crises endémiques de l'Amérique latine. *Revue Economie et Humanisme* : 80 (jui-août), p. 32.

Astier, I. & Lae, J.-F. (1991). La notion de communauté dans les enquêtes sociales sur l'habitat en France. Le groupe d'Économie et humanisme, 1940-1955. *Genèses* : 5 (5), p. 81-106. http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/genes_1155-3219_1991_num_5_1_1078

Baudin, L. (1942). Les Incas du Pérou, essais sur le socialisme. *Revue Economie et Humanisme* : 4 (out-dec), p. 593-594.

Baudot, T. (1942a). La Bataille du Blé au Brésil. *Revue Economie et Humanisme* : 4 (out – dec), p. 580-585.

Bielschowsky, R. (2000) (org.). *Cinquenta anos de pensamento na Cepal*. Rio de Janeiro: Record : 1.

Breuil, M. Le T. du (2006). *Le père Lebret et la construction d'une pensée chrétienne sur Le développement : dans le sillage de médèles politiques et intellectuels émergents au Brésil, 1947-1966*. Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, mémoire de máster II

Bosi, A. (2010). Lugares de encontro. Contraideologia e utopia na história da esquerda cristã. Lebret e Economia e Humanismo. In Bosi, A. *Ideologia e contraideologia: temas e variações*. São Paulo: Companhia das Letras.

Charte d'Aménagement. *Revue Économie et Humanisme*, n. 79, mai-jun/1953, p. 79

Castro, J. de (1948). Géographie de la faim. *Revue Économie et Humanisme* : 36.

Chiquito, E. de A (2011). *A Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí: do planejamento de vale aos polos de desenvolvimento*. Tese de doutorado em Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos.

Compagnon, O (2000). L'Amérique latine. Mayeur. J.-M. (dir.). *Histoire du christianisme (Crises et Renouveau, de 1958 à nos jours)*, 13, Desclée, p. 509-577. <https://hal.archives-ouvertes.fr/halshs-00009733/>

Derouville, J. (1944). L'argentine et son évolution économique. *Revue Economie et Humanisme*, 11, p. 78-87.

Derouville, J (1944a). L'industrialisation de l'Argentine. *Revue Economie et Humanisme*, 12, p. 179-182.

Laloire, M (1951). L'Aménagement du territoire en Belgique. *Revue Le Diagnostique économique et social* : 29, p. 322-326.

Lebret, L.-J. & Desroches, H. (1944). La méthode d'Économie et Humanisme I. *Revue Economie et Humanisme*: 12, p. 121-134.

Lebret, L.-J. & Desroches, H. (1944a). La méthode d'Économie et Humanisme II. *Revue Economie et Humanisme*: 13, p. 225-258.

Lebret, L.-J (1947). Letre aux américains. *Revue Economie et Humanisme* : 34, Annexe, p. 561-580.

Lebret, L.-J (1947a). *Découverte du bien commun: mystique d'un monde nouveau*. Édition Economie et Humanisme.

Lebret, L.-J (1950). *Guia del militante*. Montevideo : Editorial Mosca Hermanos S.A.

Lebret, L.-J (1951). L'Aménagement du territoire. *Revue Le Diagnostique économique et social* : 23, p. 90-97.

Lebret, L.-J. & Delprat, R. (1952). Niveau de consommation et de production dans les dix zones du monde. *Revue Economie et Humanisme* : 74, p. 22-53.

Lebret, L.-J (1952). *Guide Pratique de l'enquête sociale: Manuel de l'enquêteur*. Paris : Press Universitaires de France, I.

Lebret, L.-J (1953). L'aménagement, problème économique, problème humain. *Revue Economie et Humanisme* : 79, p. 3-7.

Lebret, L.-J. & Bride, R (1955). *Guide Pratique de l'enquête sociale: L'Enquête urbaine*. Paris : Press Universitaires de France, III.

Lebret, L.-J (1955). Amérique du Sud, Extrême-Orient, Moyen-Orient. *Revue Economie et Humanisme* : 93, p. 5-16.

Lebret, L.-J (1955a). Economie humaine, politique, civilisation. *Revue Economie et Humanisme* : 89, p. 5-18.

Lebret, L.-J (1958). Développement harmonisé et économie humaine. *Revue Economie et Humanisme* : 113, p. 317-322.

Lebret, L.-J (1958a). Economía Humana, Política, Civilización. *Cuadernos Latino-americanos de Economía Humana*: 1, p. 20-33.

Lebret, L.-J (1958b). Niveles de vida de los obreros brasileiros. *Cuadernos Latino-americanos de Economía Humana*: 2, p. 196-211.

Lebret, L.-J (1960). Conjunto de estudios que supone el desarrollo controlado. *Cuadernos Latino-americanos de Economía Humana*: 8, p. 183-194.

- Lebret, L.-J (1964). Investigación sobre los aspectos humanos del desarrollo. *Cuadernos Latino-americanos de Economía Humana*: 15, p. 195-201.
- Lebret, L.-J (1964). El desarrollo en función de los valores humanos y Síntesis del Simposio. Instituto para el desarrollo económico y social (org.). *Desarrollo y promoción del hombre*. Caracas: IDES.
- Löwy, M. (1989). Marxismo e cristianismo na América Latina. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*: 19, p. 1-7. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451989000400002
- Pelletier, D. (1996). *Economie et Humanisme: de l'utopie communautaire au combat pour le tiers-monde, 1941-1966*. Paris: Les Éditions du Cerf.
- Perrodon, A (1950). Les rivalités pétrolières en Amérique latine. *Revue Économie et Humanisme* : 14, p. 150-154.
- Prebisch, R. (2000). O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns problemas principais. In Bielschowsky, R. (org.). *Cinquenta anos de pensamento na Cepal*. Rio de Janeiro: Record, 1.
- “autor” (2014a). Les réseaux Économie et Humanisme en Amérique latine : la grande famille E.H. In Loty, L. ; Perrault, J.-L.; Tortajada, R. (orgs.). *Vers une économie humaine : Desroche, Lebret, Lefebvre, Mounier, Perroux, au prisme de notre temps*. 1ed., Paris: Hermann Éditeurs, p. 331-348.
- “autor” (2012). Lebret in Latin America: town planning institutions in Uruguay and Brazil. In *15th International Planning History Society*. São Paulo. Cities, Nations and regions in Planning History. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
- Pouvreau, B. (2004). *Un politique en architecture : Eugène Claudius-Petit (1907-1989)*. Paris : Editions du Moniteur.
- Roldan, D. D. (2012). *Um ideário urbano em desenvolvimento: a experiência de Louis-Joseph Lebret em São Paulo de 1947 a 1958*. Dissertação. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
- Ros, Ph G. (1944). L'évolution économique du Chili. *Revue Economie et Humanisme* : 16, p. 558-573.
- Ros, Ph G. (1945). L'évolution économique du Chili. *Revue Economie et Humanisme* : 17, p. 52-70.
- Santos, J.B. dos (1950). La bataille du blé au Brésil. *Revue Economie et Humanisme* : 13, p. 104-106.
- Trabalho, Ministério do. A Pesquisa Brasileira de Padrões de Vida. *Revista do Serviço Social*, Ano XIV, n. 72, São Paulo, 1954.
- Tocanne, R. (1942). La situation économique actuelle de l'Amérique du Sud. *Revue Economie et Humanisme* : 2, p. 139-146.
- Valladares, L. (2006). *La favela d'un siècle à l'autre*. Paris : Éditions de la Maison des Sciences de l'homme.
- Viau, P. (1951). L'aménagement du territoire : études régionales. *Revue Le Diagnostique économique et social* : 29, p. 317-319.